

OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES-RS: ASPECTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Juliani Borchardt¹

Ronaldo Bernardino Colvero²

RESUMO: Este artigo visa analisar a prática dos benzimentos no município de São Miguel das Missões através de reflexão e debate relacionadas à memória e identidade. Foram utilizados como subsídio central neste trabalho narrativas orais de benzedores, os quais proporcionaram um entendimento acerca da constituição da ‘figura’ do benzedor e as principais características que compõem suas memórias e as relações sociais que os envolvem de forma individual e coletiva. Como resultado das entrevistas temos uma análise das representações e expressões dessas pessoas que se colocam na sociedade através de um ofício, numa dinâmica de cultura, identidade, legitimação de suas práticas religiosas e suas relações no meio onde vivem. O ofício de benzer, praticado, resignificado e transmitido às futuras gerações, obedece às dinâmicas que necessita para sobreviver e se manter como uma referência cultural imaterial do município de São Miguel das Missões.

Palavras-Chave: Memória. Identidade. Benzedores. São Miguel das Missões-RS.

ABSTRACT: This composition aim to analyze the blessings practice in the town of São Miguel das Missões, through reflection and discussion about the memory and identity from some practicing. Were used as the main subsidy in this article some healers’ narratives, whereat provide the understanding about the healer’s figure constitution and the mains features that compose his memories and the social relations that involve them individual and collective. As the result about the interviews we have an analysis about the depiction and expressions among the people that are in the society through a craft, on the dynamic culture, identity, legitimation from their blessings practice and relations where they live. The blessing’s craft, practiced, aired to the future generations, obey to the dynamics that necessitate to survive and to keep as an immaterial cultural reference from the town of São Miguel das Missões.

Keywords: Memory. Identity. Healers. São Miguel das Missões – RS.

OS BENZEDORES DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES-RS: ASPECTOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Analisar os processos que envolvem a constituição da identidade e da memória dos benzedores em São Miguel das Missões é fundamental para que possamos entender suas principais características, expressões e significados atribuídos na atualidade. Os benzedores, em sua grande maioria são pessoas idosas, as quais se dedicam durante boa parte de suas vidas a ajudar o próximo, através de benzimentos e orações esperam curar e aliviar os males físicos e espirituais daqueles que os procuram em suas modestas residências espalhadas pela cidade e interior. Confortin, neste aspecto, afirma que

¹ Bacharel em Administração- Projetos e Empreendimentos Turísticos. Especialista em História, Cultura, Memória e Patrimônio. Aluna do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Bolsista CAPES. Email: juossette@hotmail.com

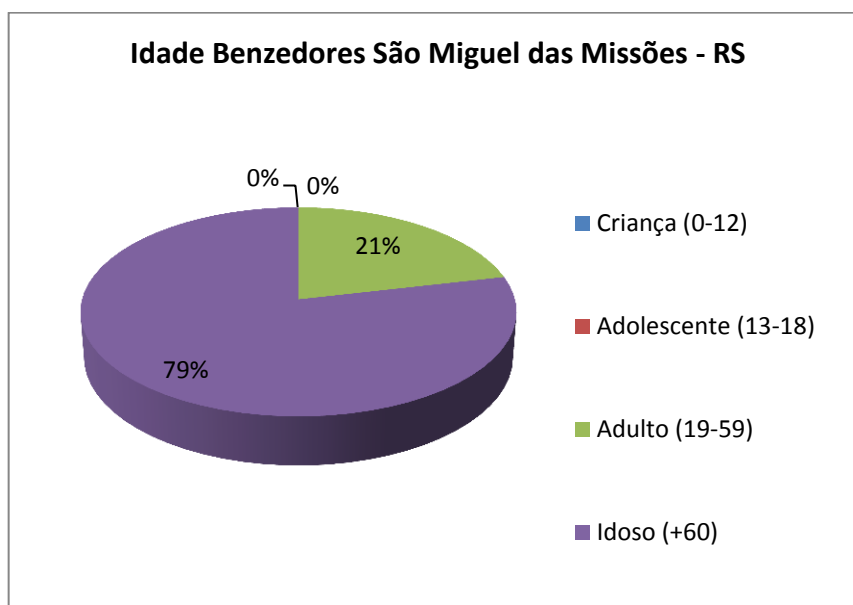
² Doutor em História pela PUCRS. Prof.º Adjunto da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA - Campus São Borja. Professor Efetivo do programa de pós graduação em Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas. Email: rbcolvero@gmail.com

Benzedeiras (os), em sua maioria, são pessoas humildes, experientes, sofridas, simpáticas e afetivas, o que contribui para que a prática de seus rituais permaneça e seja passada de geração a geração, fazendo parte da história de famílias através dos tempos e da história de vida de muitas pessoas. (2005, p. 21)

É comum haverem famílias tradicionais na prática dos benzimentos, os quais vão sendo repassados aos filhos ou netos fazendo com que a prática tenha continuidade na família e na comunidade, onde criam vínculos e consolidam sua identidade perante todos os que acreditam na cura através de rezas e benzimentos realizados por estas pessoas. 14 benzedores foram registrados e analisados no município de São Miguel das Missões no decorrer desta pesquisa, onde foi diagnosticado a média de idade destas pessoas, bem como várias informações socioculturais das mesmas.

O perfil dos entrevistados constitui caráter relativamente homogêneo, como apontam os resultados presentes em questionários aplicados (anexo nº3). Seriam eles: Adultos (33,3% homens e 66,7% mulheres), em sua maioria aposentados com idade superior a 60 anos³ (75%), casados (83,3%) e, com exceção de um dos entrevistados, todos são naturais de São Miguel das Missões.

Gráfico nº: 01 Idade Benzedores de São Miguel das Missões



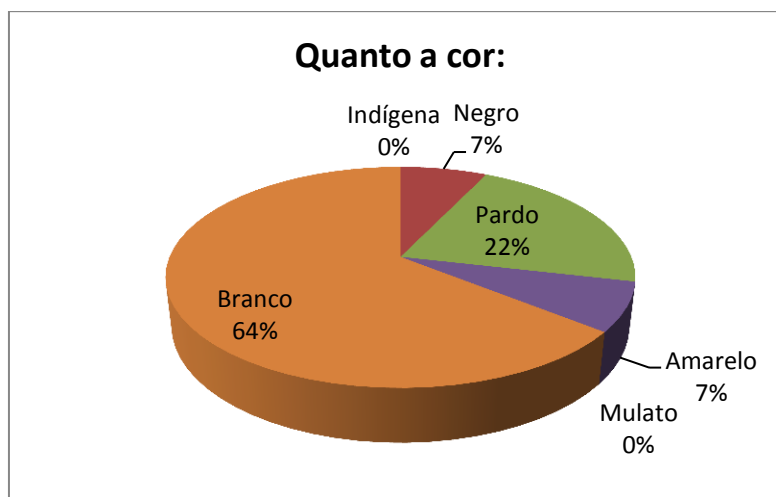
Fonte: Questionário aplicado, 2013.

Conforme nos apontam os dados coletados até o momento, 79% dos benzedores catalogados são idosos, ou seja, com mais de 60 anos de idade, sendo a mais avançada de 86

³ Classificados dessa maneira como idosos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que para países em desenvolvimento classifica como idosos aqueles com 60 anos ou mais. Em países desenvolvidos a média aumenta para 65 anos ou mais.

anos. Apenas 21% são adultos (entre 19 e 59 anos), não havendo nenhuma criança ou adolescente benzedor registrado até o momento. Outro dado importante diagnosticado junto aos benzedores foi quanto à cor dos mesmos. Quando perguntados⁴ como eles se consideravam, a resposta foi a seguinte:

Gráfico nº 02: Cor benzedores de São Miguel das Missões



Fonte: Questionários aplicados, 2013.

Como se pode perceber no gráfico demonstrativo, 64% se consideram brancos, seguido de 22% pardos, 7% amarelo, 7% negro e nenhum indígena ou mulato.

Outro ponto que chama atenção é o nível de escolaridade e a área profissional em que atuam ou atuaram (no caso dos aposentados). Na pergunta 5⁵ apenas as opções analfabeto e ensino médio incompleto foram escolhidas ao serem indagados sobre seus respectivos graus de instrução escolar. E somente um dos participantes (funcionário público municipal) não trabalha na agricultura ou foi aposentado na função como a maioria. Esses dados nos ajudam a identificar o perfil dos benzedores em São Miguel das Missões, o que nos proporciona conhecer um pouco de suas características e identidades, que serão compartilhadas pelo grupo praticante e pelas pessoas que acreditam nos benzimentos. Noções de doenças, religiosidade, fé e confiança, legitimam a prática e o ofício do benzedor na comunidade, pois se não existisse esse compartilhamento de ideias e significados, provavelmente não se concretizariam as dinâmicas que envolvem a relação entre benzedor e benzido. Oliveira lembra ainda que

Sempre nessas bênçãos se instrumentalizam determinadas noções de milagre, de mistério e de poder. Tais noções são, grande parte das vezes, reinventadas do próprio catolicismo popular de origem rural e

⁴ Pergunta nº 2 do questionário: “Como você se considera?”

⁵ Pergunta 5: “Qual o seu nível escolar?” Opções de resposta: “ Analfabeto; Ensino médio incompleto; Ensino médio completo; Ensino superior incompleto; Ensino superior completo.”

trazidas para dentro dos limites das chamadas religiões populares.
(1985, p. 14)

Estas noções compartilhadas são reflexo do meio onde estão inseridos e das influências que sofrem (e sofreram com o passar das gerações) – dentre elas a religiosa - que irá nortear sempre o trabalho destas pessoas, o qual é reinventado cotidianamente através da inclusão de novos símbolos, significados e orações ou de repulsa por religiões contrárias aos benzimentos (no caso os evangélicos) ou da medicina, onde se criam instrumentos de resistência para manterem suas práticas - como o Encontro de Benzedores ou por meio da promoção turística, por exemplo. Tais negociações são fundamentais para que o benzedor possa ter seu espaço na sociedade e manter sua prática.

Não foi produzido até o momento um levantamento preciso que indique a quantidade de praticantes dos benzimentos em São Miguel das Missões, o que dificultou mensurar e diagnosticar o perfil dos mesmos como um todo. Em alguns materiais de promoção do turismo da cidade (ver anexo nº 02), indica a existência de aproximadamente 40 pessoas benzedores no município, entretanto, não existem registros oficiais do IPHAN⁶ e da Prefeitura que comprovem estes dados atualmente, podendo este número ser para mais ou para menos.

Não se pretende aqui buscar uma padronização das formas de benzer dos entrevistados, tendo em vista que elas possuem variações e serão evocadas de forma diversa entre os seus praticantes. O que interessa são as características que os unem e separam em suas constituições memoriais e identitárias enquanto benzedores. Candau alerta para isso quando afirma que

(...) toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado. (2012, p. 34)

O objetivo central da prática dos benzimentos - que é a cura física ou espiritual através de rezas e orações- é comum aos seus praticantes, entretanto, não será lembrada, evocada, praticada, resignificada e transmitida da mesma forma por todos os membros do grupo, tendo em vista as individualidades que resultarão em diferenciações da prática e significados atribuídos no ato de benzer (em especial ao espaço e uso de objetos), importando também analisar a forma como os benzedores se colocam perante suas famílias e sociedade onde estão inseridos.

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Os benzimentos são repassados, geralmente, através da oralidade e gestualidade nos casos em que o benzedor acredita que a técnica pode ser repassada a outra pessoa do meio familiar como um filho (a) ou neto (a). A forma como as rezas e simpatias, bem como a gestualidade e uso dos objetos são (re) lembrados, (re) interpretados e (re) passados na atualidade são resultado dos significados atribuídos a eles através da dinâmica que sofreram com o passar das gerações. Neste aspecto, Izquierdo afirma que “(...) não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências. (...) Não inventamos memórias. Neste aspecto Accorsi e Scarparo (2013, *apud* GRAEBIN e SANTOS) lembram ainda que

(...) a organização da memória social pode ser compreendida também na perspectiva das representações sociais, na medida em que examinarmos os processos de construção e apropriação de conhecimentos relativos às experiências do passado que habitam e marcam as vidas cotidianas de pessoas e grupos no presente. (2013, p. 28)

As memórias são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos”. (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992, p. 201)

A memória seria constituída, segundo o autor, de acontecimentos vividos pelo indivíduo de forma direta ou indireta. Acontecimentos vividos por pessoas que compõem o grupo do qual é pertencente (e devidamente compartilhadas entre seus membros) são apropriados pelo mesmo como sendo seu, fazendo parte assim da constituição de sua memória e identidade. No que se refere à memória coletiva, Ferreira lembra que

(...) O recurso ao termo “memória coletiva” é colocado aqui de forma cuidadosa, buscando-se evitar com isso a essencialização do mesmo, armadilha na qual se cai quando o uso desse termo serve para legitimar identidades de grupos, desprezando-se aspectos de construção e reconstrução do passado. A lembrança é uma experiência eminentemente individual, mas o fato de crer no compartilhamento de lembranças origina essa memória compartilhada, o que estaria na base da função política da memória ou daquilo que se denomina hoje como “políticas de memória”. (2011, p. 106)

Desta forma os benzedores, tendo como base fatos vividos e vistos durante suas vidas, moldam o seu ofício na atualidade. Halbwachs complementa esta ideia afirmando que

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento em comum. (1990, p. 34)

Para o autor, as memórias necessitariam da coletividade para serem lembradas e compartilhadas, numa dinâmica de suporte no ‘outro’ para evocação das mesmas na atualidade. Desta forma, seria mais fácil lembrar de fatos comuns a um grupo do que episódios vividos individualmente. Neste sentido, Ferreira lembra ainda que

A noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, vinculando-se às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais. (2011, p. 102)

Halbwachs (2006) complementa ainda dizendo que

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (2006, p. 30)

Com os benzedores entrevistados, fica claro a necessidade que possuem em alicerçar suas lembranças nos outros, seja quando iniciam sua atividade de benzedor ou na legitimação que a sociedade faz deles através dos casos⁷ de cura contados e transmitidos entre as pessoas da comunidade. Thomson afirma ainda que

(...) As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. (...) Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (1995, p. 57)

Sendo assim, é o indivíduo quem decide que imagem e identidade quer transmitir às outras pessoas, sendo uma decisão que ocorre através de uma escolha na atualidade, a qual varia conforme os interesses (individuais e coletivos) do sujeito. Isso fica claro nas narrativas dos benzedores quando legitimam sua prática na construção de uma imagem perante a comunidade e no interior de suas próprias famílias. Ser benzedor vai muito além de uma vontade divina, é sim uma escolha, que pode durar algum tempo ou ser um ofício para toda a vida e parte do pressuposto de que a imagem que desejamos dar a nós mesmos a partir de

⁷ Histórias de cura e bençãos que se espalham na comunidade. Compartilhadas de forma oral, ganham veracidade em suas mais diversas versões populares.

elementos do passado é sempre pré-constituída pelo que somos no momento da evocação⁸, o que Candau caracterizaria como protomemória. Em entrevista concedida a benzedeira Alzira de Oliveira Leite reforça essa ideia quando conta que

Eu queria. Sempre fui muito curiosa e queria aprender. Ela (*a mãe*) viu que eu tinha esse dom, me ensinou e eu ajudava ela. Eu decidi ser benzedeira, graças a Deus. Até quando eu puder mexer a boca nesse mundo eu quero fazer o bem e ajudar as pessoas a viverem. (2013)

Ressalta também que

A comunidade acredita bastante. Está aí os santinhos e fotografias de crianças que vivem se benzendo aqui em casa. E é todo dia, não tem dia nem hora que não se benzam, é criança, jovem, adulto. Hoje mesmo achei muito bonito, veio uma criança nenenzinho trazer a velinha e a água que vão usar no batizado, fiquei muito satisfeita. (2013)

A entrevistada apontou para seu altar, repleto de imagens de santos, anjos, flores e fotografias de pessoas que a procuram em busca de cura, conforme nos mostra a fotografia abaixo.

Imagem nº 05: Altar benzedeira Alzira de Oliveira Leite



Fonte: Juliani Borchardt, 2013. São Miguel das Missões-RS.

Este altar foi criado por Alzira durante sua vida e ocupa um dos cômodos de sua humilde residência. Este local é utilizado para receber as pessoas da comunidade e turistas que buscam os seus serviços de benzedeira. O exercício de ir acumulando objetos e fotografias é motivado pela construção de uma ‘fama’ perante a sociedade, pois, quanto mais ela (como benzedeira) for procurada mais seriam eficazes os seus benzimentos. Quando

⁸ CANDAU, Jôel. Memória e Identidade. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 77.

questionada sobre a necessidade deste espaço e se benzeria em outros lugares a entrevistada responde que

Benzia, mas talvez não com a mesma força que eu tenho. Quando me chamam numa casa eu levo meu rosário e Nossa Senhora Aparecida. Se não tiver eles eu me ajoelho e peço a Deus, benzo e o efeito é o mesmo pela fé e força que eu tenho. (2013)

A necessidade de criar espaços e a valorização deste é justificada pela força que estes possuiriam e que segundo ela, são fundamentais para que o benzimento tenha efeito (o que também justificaria a construção e manutenção deste espaço), o que nos faz concluir que há uma relação muito forte entre benzedor e o local onde esta inserido, em uma espécie de dependência. Em contraponto, remete a ela (e sua fé) a eficiência da benzeção. Oliveira justifica isso afirmando que

(...) O modo como cada pessoa benze e recebe a bênção está relacionado à percepção que ela faz do seu papel social nesse espaço. Ao mundo como memoriza as informações, trabalha os símbolos e recria as suas práticas sociais. (1985, p. 15-16)

Nem todos os benzedores entrevistados criaram espaços. Um exemplo é a benzedeira Laídes Dutra da Silva, que utiliza apenas rezas e orações no ato de benzer, sem usar santos, anjos ou imagens (em alguns casos utiliza apenas brasa, água, copo e ramos verdes). Isso se deve, provavelmente, pela mesma ser espírita, os quais não utilizam imagens de santos em suas práticas religiosas. Fica perceptível que são os benzedores católicos os que constroem salas, quartos e altares em prol de sua prática, o que pode ser relacionado com os próprios espaços formais da Igreja Católica, resignificados e reproduzidos através da fé do benzedor em suas residências.

Podemos analisar a atuação do benzedor em um determinado espaço e objetos como uma performance que é relativa a um determinado contexto cultural e seu significado só pode ser compreendido neste contexto. Conforme Hartmann

(...) A grande questão, no entanto, é que não estamos tratando apenas da linguagem falada ou escrita, de códigos gramaticais, mas de algo muito mais amplo, daquela linguagem que se desenvolve através de gestos, sons, relação com o espaço físico e do contato com o outro, aquilo que chamamos de “performance”. (2005, p. 128)

Já para Zumthor, a performance possui as seguintes características

- 1) a performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à realidade; 2) a performance se situa em um contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma emergência; 3) performance é uma conduta na qual o sujeito assume, aberta e funcionalmente, a responsabilidade, e é um comportamento que pode ser repetitivo sem ser redundante; 4) a performance modifica o conhecimento. Ela

não é apenas um meio de comunicação: comunicando ela os marca. (2000, p. 37)

A atuação do benzedor ultrapassa a oralidade das rezas, abrangendo uma relação no espaço, nos objetos e em seu corpo e voz, em uma performance que pretende se comunicar, criando um clima propício para o ato do benzimento. Através da criação deste clima (aliados a sua vestimenta e voz) desenvolve-se uma relação de confiança e reciprocidade entre benzedor e benzido, onde se busca a materialização do intangível (fé) em tangível (a cura da doença).

Pelas características intrínsecas ao processo de benzimento é possível associar esse tipo de prática por alguma noção do entrevistado sobre questões relativas à espiritualidade ou ainda sentimento de pertencimento a dada religião. Nesse sentido, o catolicismo (58,3%) e o espiritismo (16,7%) foram as duas únicas religiões citadas pelos entrevistados, ambas vinculadas ao cristianismo, sendo notável observar que parte deles afirmaram ser de ambas as religiões (25%). Sobre isso:

Não há dúvida de que na história do cristianismo, ontem e hoje, o cuidado pelos enfermos é uma das manifestações mais patentes de sua presença no mundo. Se, muito em função do desconhecimento geral no campo da saúde, esse cuidado foi, no passado, mais remediativo do que preventivo, hoje, em razão dos novos conhecimentos e de novas sensibilidades, a psicologia em geral e a psicologia da religião apontarão novos ou renovados elementos motivacionais, como responsabilidade social, senso de justiça, direitos da pessoa, respeito ecológico, elementos que adquirem uma dimensão religiosa caso incluam uma intencionalidade religiosa. É, com efeito, a relação com o objeto religioso que torna religiosa uma variável, e não sua categorização em alguma classe especial de comportamentos. (PAIVA, 2007, p.100)

Dessa maneira a religião também poderia ser compreendida como elemento motivacional na inserção e propagação do ato de benzer. Nota-se que há uma paridade entre católicos e espíritas, não havendo nenhum evangélico ou umbandista entre os benzedores catalogados até o momento, o que nos dá um parâmetro das práticas religiosas destas pessoas. Independente de suas religiões, só existem benzedores porque há uma comunidade (ou uma parte dela) que os acolhe e legitima, compartilhando códigos, símbolos e ações que visam a cura e a bênção. Sobre isso Oliveira lembra que

Não basta apenas que a própria benzedora reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atua, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são mais chegadas partilhem com ela desse momento tão singular. (1985, p. 39)

É sabido que a memória é seletiva e nem tudo é armazenado e compartilhado, pois o homem registra de forma consciente e inconsciente o que for necessário a sua vida na atualidade, em um trabalho de seleção e organização das lembranças, conforme nos diz Izquierdo quando afirma que

A variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações é inerente a muitas áreas ou substâncias cerebrais e não é função exclusiva de nenhuma delas. (1989, p. 91)

Em contraponto, Michel (apud Candau) nos diz que esquecemos mais do que lembramos e que

Cada dia, assinala Joel Candau, nosso cérebro se lança a desembaraçar-se de milhares de informações inúteis, o que parece ser uma condição necessária a um funcionamento psicológico satisfatório. Esquece-mo-nos mais do que lembramos. (2010, p. 16)

Neste sentido, compartilha-se mais esquecimentos do que lembranças propriamente ditas, em um processo de seleção e escolha entre lembrar x esquecer. A forma como um grupo deseja “se narrar” é resultado dessas escolhas. Podemos analisar isso através dos depoimentos, como por exemplo, quando Alzira conta que

Morava eu, minha mãe e mais dois irmãos e duas irmãs. Casei bem novinha, com 16 anos. Nenhum deles tinha o dom de benzer. Cada um tem um dom pra ser aquilo, tu é costureira teu dom é aquele, tu é professor tu tem aquele dom de professor. Foi minha mãe que disse que eu tinha o dom e desde cedo benzo, casei e benzia sozinha, bem ‘solita’. Agente vivia da lavoura, carpia, plantava. Eu me aposentei pela agricultura. Agora dia 08 (*de agosto de 2013*) faz 62 anos que casamos, nunca brigamos, eu já estou com 77 anos e ele 83 anos. (2013)

A legitimação para ser benzedeira é possuir um dom, o qual os outros não possuem, e assim ter a missão e a responsabilidade para aquele ofício, numa construção da imagem que a própria entrevistada faz questão de ressaltar a fim de justificar e legitimar sua prática na atualidade através de sua narrativa. O universo de Alzira transparece quando lembra onde morava, dos irmãos, do trabalho e do casamento aos dezesseis anos de idade (obviamente um fato marcante na vida de qualquer mulher- e por isso exaltada pela mesma na narrativa). Os acontecimentos da vida pessoal se misturam com a de benzedeira na narrativa da entrevistada, sendo muitas vezes difícil separar sua vida cotidiana dos fatos milagrosos de cura contados pela mesma no transcorrer da entrevista. Torna-se impossível separar a identidade Alzira benzedeira da Alzira enquanto indivíduo. Ambas se fundem e são a mesma. Thomson lembra ainda que

(...) Nossas reminiscências podem ser temerárias e dolorosas se não corresponderem às histórias ou mitos normalmente aceitos. Assim como buscamos a afirmação de nossa identidade pessoal dentro da comunidade específica em que vivemos, buscamos também a afirmação de nossas reminiscências. (1995, p. 58)

Assim, da mesma forma que precisamos que nossa identidade seja aceita no grupo em que pertencemos, nossas memórias, lembradas, evocadas e manifestadas, igualmente precisam de aceitação social dos demais membros do grupo. Alzira, quando questionada sobre a forma que benze nos dias atuais, conta que as palavras utilizadas

São as mesmas que a mãe usava, são as mesmas desde o princípio do mundo porque já fazem sessenta e poucos anos que eu benzo. Agente tem que ter força pra benzer, puxar pela ideia da gente. Um ar a gente precisa saber se defender porque senão passa pra gente. Ar é uma enfermidade muito brava e outra é uma pessoa que seja muito tomada⁹, que não seja bem ‘são’ precisa ter um acompanhamento junto. Agente precisa ser forte pra benzer senão passa pra gente. Nem tudo é igual, e as palavras que usa pra uma coisa não é pra outra. (2013)

Nota-se que há uma imprecisão na fala da entrevista quando em um momento diz que as falas que utiliza para benzer são as mesmas que sua mãe usava e em outro momento que estas são possíveis de adaptação e criação dependendo do objetivo do benzimento realizado e do paciente. Podemos analisar ainda que: 1º) em sua lembrança cita apenas a geração de sua mãe, não se estendendo aos avós ou bisavós; 2º) a exaltação de ‘força’ que o benzedor precisa ter para exercer seu ofício, sobre o risco de padecer da doença do enfermo (benzido), o que cria um universo de perigo, suspense e responsabilidade, onde o benzedor coloca a sua vida em risco pela cura do próximo; 3º) a necessidade de reinvenção das rezas e formas de benzer com o passar do tempo e nas variações de doenças; 4º) a ênfase que Alzira dá pelo tempo que benze como uma forma de reconhecimento social, dando a entender que quanto mais tempo no ofício, mais eficiente será seus benzimentos; 5º) o exercício de puxar pela memória uma quantidade considerável de rezas, dependendo da doença, o que exige uma atualização constante da memória, sendo fundamental a repetição para uma constante lembrança desta vasta quantidade de rezas e técnicas. Sobre isso Bergson justifica citando que

As lembranças que se adquirem voluntariamente por repetição são raras, excepcionais. Ao contrário, o registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração. Mas como as lembranças *aprendidas* são mais úteis repara-se mais nelas. E como a aquisição dessas lembranças pela repetição do mesmo esforço assemelha-se ao processo já conhecido do hábito tende-se a colocar esse tipo de lembrança em primeiro plano, a erigi-lo em modelo de lembrança, e a ver na lembrança espontânea apenas esse mesmo fenômeno em estado nascente, o começo de uma lição aprendida de cor. (1999, p. 90)

Já em sua entrevista, o benzedor Aureliano José Jardim contou que

Eu trabalhei com um mercadinho e uma espécie de farmácia, que daí eu me dediquei com remédio. Aqui era puro unha de gato¹⁰, não tinha nada, as pessoas ficavam doente e não tinha recurso. Daí eu pensei “eu sei, eu estudei nos livro de medicina, eu conheço as doenças, daí eu comecei a me dedicar no remédio”. Era muita gente doente, em quantidade e eu dava injeção, receitava. Uma vez chegou uma criança com respiração difícil e eu disse “isso é pulmão, pontada de pneumonia, pode levar pra Santo Ângelo agora”, e chegava lá e era, bem certinho. Depois chegou um homem mal aqui e eu comecei a interrogar ele “têm ânsia de vômito? Te dói o fígado?”. Ele me disse que tinha uma dor atravessada na barriga e em uma perna. Eu vi que ele estava com febre e eu disse pra ele que ia botar a mão bem onde dóia e assim eu botei a mão na apendicite e ele deu um grito. Eu disse: “tu está com a apendicite estourada, tu vai agora pro hospital senão tu morre”. Ele me disse “quero

⁹ Pessoa muito doente.

¹⁰ Planta nativa que possui espinhos que parecem unhas de gato.

só ver, eu gastar e não ser isso mesmo”. Eu disse que garantia e quando chegou no hospital o médico examinou, disse que era a apendicite estourada e mandou na hora pra mesa de cirurgia. Daí ficaram muito contente de salvar o homem, acho que ele é vivo ainda, mora aqui em São Miguel no mesmo lugar. A coisa aconteceu assim vizinha, eu receitava e aplicava remédio. (2013)

Aureliano também relembra da paisagem existente em São Miguel das Missões¹¹ como uma cidade muito distante dos grandes centros e onde não havia acessibilidade a médicos e serviços de saúde, o que lhe motiva a fazer um curso de ‘enfermagem’ por correspondência a fim de suprir a demanda existente na cidade. Mescla essas lembranças com dois episódios: 1º) a cura de uma criança que estaria com pneumonia e que graças a sua orientação foi levada aos médicos em tempo e salva; 2º) a de um homem que estaria com o apêndice estourado e que inicialmente duvidou do seu diagnóstico, mas depois se sentiu feliz por ter seguido a orientação e se curado. A narrativa destes dois casos são complementados pela solução dos problemas dos pacientes e a conseqüente felicidade dos mesmos. O entrevistado fala ainda em nome do médico, como se tivesse presente no momento em que o mesmo dá o diagnóstico ao homem com o apêndice estourado, sendo esta, com certeza, uma memória paralela, ou seja, ouvida apenas de outra pessoa e assimilada como sua – como se estivesse presente no momento do diagnóstico feito pelo médico. Thomson complementa afirmando que as “nossas reminiscências precisam ser apoiadas pelo reconhecimento público, e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas”, (THOMSON, 1995, p. 58-59) o que justifica a exaltação pelas curas feitas nestes dois casos. Sobre a narrativa Jovchelovitch e Bauer lembram que

(...) O enredo é crucial para a constituição de uma narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los no tempo, como no sentido. (2008, p. 92)

Isso aparece quando o entrevistado tenta ligar os fatos e episódios narrados, a fim de deixar claro o que desejava contar na entrevista, tendo como objetivo deixar claro e dar sentido a história ali contada. Quando questionado com que tipo de remédios trabalhava, o entrevistado conta que

Remédio de farmácia, antibiótico assim. Porque infecção na garganta, por exemplo, só se cura com antibiótico. Naquele tempo eles não proibiam tanto os remédios né vizinha, hoje não é assim, eles não vendem sem ter receita. Eu trabalhei com a agricultura também, em uma colônia, botei um mercado forte de remédio e nos tempos de folga eu ia pra lavoura. Eu tinha criação, porco. (2013)

¹¹ Distante a 60 Km de Santo Ângelo.

Neste depoimento, nota-se que mesmo o entrevistado sendo um benzedor, trabalhou durante anos indicando e vendendo medicamentos industrializados para a população em geral, bem como ter feito um curso de enfermagem por correspondência, o que também vai dialogar e se adaptar com a sua função de benzedor. Esclarece que em alguns casos (dor de garganta, por exemplo) a cura só ocorre com o uso de antibiótico e que naquela época não havia tanto rigor para este tipo de comércio como nos dias de hoje. Remete também, em sua narrativa, ao trabalho na agricultura e com o pequeno mercado que possuiu. Estas funções se mesclam no depoimento e não fica claro a ordem cronológica dos mesmos e o tempo em que esteve atuando em cada uma destas profissões. Para isso Thomson conclui afirmando que as “memórias que escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo (1995, p. 57).

Em sua entrevista, Laídes Dutra da Silva relembra que

Pois eu não sabia ler, todos os meus irmãos iam no colégio e o pai dizia “minhas gurias não foi criada pra sair na estrada e estudar, tem que aprender em casa”. E eu me lembrava mas aprender como? O meu irmão mais novo estava estudando aqui em São Miguel e nós ficava três quilômetros pra fora e quando ele chegava em casa eu roubava o livro dele e ia pra atrás da casa e tinha aquele ‘a e i o u’ com a imagem de uva e quando o meu pai viu eu já tava cantando naqueles livrinhos que vinham de música e ele disse “mas como é que essa nega aprendeu a cantar num livro se ela não sabe ler” (*risos*). Eu sei fazer música, sei fazer hino de igreja, eu sei fazer poesia, eu nunca errei em conta, trabalhei em um cachorrão e em restaurante e nunca errei uma conta e quem me ensinou? Jesus, porque foi o meu único auxiliar porque eu não tenho banco de escola. Às vezes me perguntam qual é meu nível escolar e eu fico com vergonha porque eu sou analfabeta na escola, mas eu não analfabeta porque eu sei ler, escrever e fazer conta porque Jesus que me ensinou. Meu anjo da guarda é muito forte graças a Deus. (2013- grifo nosso)

Laídes, assim como os demais, expõe em sua narrativa episódios de sua vida, onde são exaltados: 1º) marcou em sua vida o fato de seu pai não permitir que estudasse na escola regular, o que acarretou no seu analfabetismo, mesmo tendo estudado escondido em casa com os livros e cadernos de seu irmão mais novo. Isso demonstra uma clara separação na forma de tratamento entre filhos homens e mulheres em sua família, o que marcou certamente sua vida e esses episódios sua memória; 2º) atribui ter aprendido a ler, escrever e fazer conta a uma bênção de Jesus Cristo; 3º) mesmo não podendo estudar, ressalta que sempre soube ler, escrever e fazer contas, produzindo poesias e hinos para a igreja que frequentava. Em outro momento da entrevista Laídes relata que

Eu tenho uma irmã¹² que benze. Tem o meu sobrinho que benze pra mordida de bicho, além de ser músico é benzedor e a minha mãe benzia só pra tormenta e eu

¹² Sua irmã se chama Noema Dutra de Oliveira, 66 anos, casada com Alceu Braga de Oliveira a 42 anos. Mora no Rincão dos Moraes, interior de São Miguel das Missões. Estou até o 4º ano do ensino fundamental. Espírita. Benze para dor de cabeça, afogamento, picada de cobra, mau olhado, vermes, rendidura e usa como objetos

aprendi nas costas dela. A religião da mãe era espírita. O pai da minha mãe era alemão puro ele veio da Alemanha e a mãe dela era Brasileira e o meu pai tinha sangue de bugre¹³, é Dutra, e eu peguei o sobrenome só do pai porque meu pai era Sebastião Rodrigues Dutra e minha mãe era Dileta Alves Marciano Dutra por causa do meu pai e quando ele ia registrar nós “quem canta no terreiro é o galo” e ficou só o nome dele em nós. Todos nós temos o sobrenome dele e da mãe não. O pai dela era alemão dos olhos azul e ela era bem branquinha e baixinha. Meu pai já era alto e moreno e com pouco cabelo e daí a nossa família ficou com o sangue bem forte. (2013)

Neste trecho, pode-se perceber que a entrevistada contextualiza sua árvore genealógica a fim de justificar a origem de sua família bem como diagnosticar aqueles que eram benzedores ou não, porém não entrando em detalhes sobre os mesmos. Alguns aspectos são ressaltados, como: 1º) conta que aprendeu a benzer nas costas de sua mãe quando esta saía com um machado para benzer tempestade; 2º) novamente surge a imposição masculina do pai, figura que decidia tudo na família; 3º) a mistura de etnias que compuseram sua família (alemão, brasileiro, bugre¹⁴) ao longo das gerações, o que para a entrevista deixou o sangue da família ‘forte’.

(...) As histórias que nos contam nas entrevistas são muitas vezes versões de relatos que foram criados logo após eventos e que foram usados e reelaborados pelos indivíduos ou no interior das famílias e comunidades. (THOMSON, 2002, p. 259)

Quando a entrevistada relata a formação de sua família, provavelmente é a construção de uma história que a mesma ouviu falar de seus pais e avós, a qual resignifica e narra na atualidade para dar sentido a sua própria história de vida. Neste sentido Accorsi e Scarparo (2013, *apud* GRAEBIN e SANTOS) reforçam essa ideia, onde citam que

Também é importante destacar que, a partir da memória social é possível se estabelecer sentimentos de pertença a um passado do qual não se participou concretamente. Trata-se de marcas tão presentes nas experiências de uma região ou grupo que facilmente são transmitidas e assimiladas como motes de identificação. (2013, p. 28)

Em sua entrevista, o benzedor Valter Braga lembra que

(...) eu nasci aqui no Distrito de São Miguel¹⁵ quando ainda pertencia a Santo Ângelo, aqui no Mato Grande e desde a minha infância era normal os meus ancestrais, meus pais e meus tios, eles já viviam em torno do Sítio Arqueológico e era tão normal eles contarem a trajetória deles aqui em torno do sítio e as convivências deles antes de se tornar população o Mato Grande e o Distrito de São Miguel.

pedras e ramos verdes – informações coletadas através de preenchimento de questionário e fornecidas pela própria Noema.

¹³ Referência dada a quem possui descendência e características indígenas.

¹⁴ Denominação pejorativa para designar uma pessoa indígena.

¹⁵ São Miguel das Missões se emancipou de Santo Ângelo no ano de 1988 através da Lei nº 8.584 de 29 de abril com uma área de 1.391 Km. BAIOTO e QUEVEDO, 1997, p. 38.

Valter relata, igualmente aos outros entrevistados, algumas características da localidade onde reside, tais como: 1º) São Miguel era um Distrito pertencente ao município de Santo Ângelo, distante em torno de 60 quilômetros; 2º) morava no interior do Distrito, localidade de Mato Grande onde atuavam como agricultores; 3º) lembra do convívio das pessoas em torno das ruínas do sítio arqueológico da Redução de São Miguel Arcanjo e o desenvolvimento da cidade em torno desse espaço. 4º) Relata que era comum a narrativa de causos nas rodas de conversar em torno das ruínas, provavelmente casos de bravura, caças, lendas e superstições. Quando questionado sobre quem benzia em sua família, o entrevistado conta que

O meu pai, olha, não vou dizer que era benzedor, não sei, ele sempre era muito de misticidade de campo, porque naquela época a caça era a sobrevivência e subsistência e sempre antes de sair caçar eles marcavam os passos de sair que ele consideravam de serviço e saída e depois marcavam quando eles voltavam com as caças eles cortavam os pezinhos da caça e largavam dentro do passo desenhado que eles tinham feito. Era um campo de misticidade que vem de muitos anos e tempos. (2013)

Valter evidencia em sua fala a influência de seu pai e tios em um campo que ele chama de misticidade, demonstradas, por exemplo, no ritual de ida e volta da caça. Neste aspecto Thomson lembra que compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. De certa forma nós a compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura (1995, p. 56). Hoje Valter não é caçador, mas recorda-se nitidamente do ritual feito por seus familiares quando da ida para a caça. É importante ressaltar que São Miguel das Missões foi (e é) uma cidade basicamente rural e intimamente ligada as práticas do campo.

Desta mesma maneira, a benzedeira Noema Dutra de Oliveira¹⁶, durante sua entrevista, lembrou dos seguintes fatos

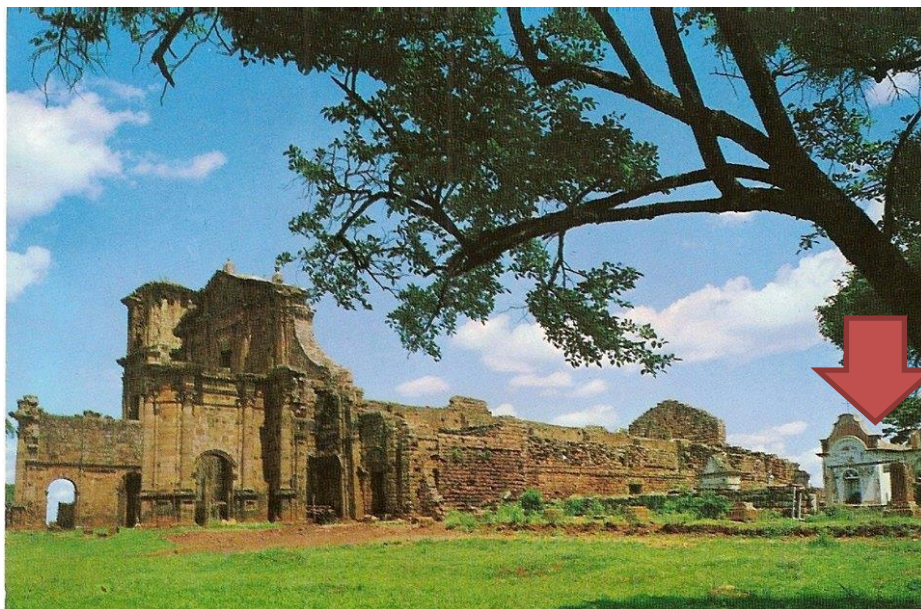
Eu digo que aqui em São Miguel o pessoal é meio assim. Eu digo “você estão cheio de mau olhado e de espírito mau aí”, porque o jeito que foi o Sepé Tiarajú ali e todo final de ano nós vamos pra lá as 7 horas rezas e eu enxergo tanta gente de loja aberta, vem um monte de gente, de ônibus. Teve um senhor do Mato Grosso que chorou o tempo todo de nós ter os benzedor em São Miguel e diz que tem fé e os de São Miguel nem tão sabe. Ali tem muita coisa ruim, por isso não vão pra frente. Aquele cemitério eu enxergo toda a vez que eu vou, porque tirarem aqueles morto? Porque deixarem aquelas almas ali sofrerem e plantarem aqueles pezinhos de fruta que já estão deste tamanho assim. Ao invés de fazerem um reservatório e não botar mais ninguém mas deixar aqueles ali. (2013)

A entrevistada exalta alguns episódios importantes, como: 1) a participação dos benzedores nas atividades de final de ano no município, época em que vão a São Miguel das

¹⁶ Noema Dutra de Oliveira, 66 anos, casada. Moradora no Rincão dos Moraes. Aprendeu a benzer com o pai. Católica e espírita. Aposentada pela agricultura. Ver nota nº 20.

Missões muitos turistas e a Secretaria de Turismo organiza atividades de recepção aos mesmos. Ressalta a pouca participação da comunidade nessas atividades e a conseqüente falta de fé destas pessoas, em comparação aos turistas, que lhes valorizariam; 2) Noema faz referência ao índio Sepé Tiarajú¹⁷, um dos comandantes do exército guarani durante da Guerra Guaranítica¹⁸, mito na região Missões e personagem legitimador da história regional, sendo considerado Herói Missioneiro Rio-grandense e estar entre os Heróis Nacionais do Brasil; 3) Chama a atenção o fato de Noema ter lembrado do cemitério que existia dentro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, localizado no mesmo local do cemitério dos índios Guarani da Antiga Redução, ao lado direito da Igreja, conforme nos mostra a imagem abaixo:

Imagem nº 06: Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo



Fonte: Arquivo pessoal de José Roberto de Oliveira, sem data.

Quando questionada sobre o período da remoção do cemitério, Noema narra que

¹⁷ Considerado Herói Missioneiro-Riograndense pela lei Estadual nº 12.366 e herói brasileiro através da Lei nº 12.032/99.

¹⁸ Guerra motivada pela assinatura do Tratado de Madri em 1750 o qual trocava os Sete Povos das Missões (pertencente a Espanha) por Colônia de Sacramento (pertencente aos Portugueses) e a resistência dos Guarani de abandonar suas terras.

Sabe que não me lembro. Deixa eu pensar um pouquinho que eu me lembro (*para pra pensar por alguns segundos*). Faz uns 45 anos. Eu me lembro que um sobrinho meu foi tirado dali, eu não tinha casado ainda e hoje eu tenho 44 anos de casada. Deve ter uns 45 pra 46 anos. (2013)

Chama a atenção o fato de dona Noema relacionar a lembrança deste episódio com a do seu casamento, em seguida confirmada pelo fato de um sobrinho dela ter sido uma das pessoas retiradas daquele espaço. Sabe-se que este cemitério foi removido pelo IPHAN entre a década de 70 e 80, conforme bem lembra a entrevistada. Sobre este episódio, Silva explica em sua dissertação de mestrado que

Depois que os jesuítas deixaram São Miguel, os habitantes da região passaram a enterrar seus mortos no cemitério construído por padres e índios guaranis. (...) Em 1970 o Iphan proibiu os sepultamentos dentro das ruínas. Os miguelinos¹⁹ tiveram o prazo de cinco anos para retirar os vestígios de seus familiares. Esgotado o tempo de carência concedida pelo Instituto, todas as ossadas restantes foram removidas de dentro da área tombada e levadas ao novo cemitério construído fora do espaço protegido. Os túmulos e todas as intervenções do presente sobre o passado foram retirados e em seus lugares foi semeada uma cobertura de grama. (2009, p. 55-56)

Este episódio marcou a comunidade Miguelina, deixando uma imagem de truculência junto aos moradores, que não entendiam a lógica de remover seus familiares mortos do cemitério, tendo isso como falta de respeito pelos mesmos, o que geraria uma energia negativa naquele espaço. Lembrando que este sítio foi preparado para a atividade turística, sendo provavelmente, um dos motivos da retirada do cemitério o fato de buscarem ‘limpar’ o local em vista que muitas das sepulturas estavam abandonadas e abertas pela ação do tempo, o que prejudicaria a imagem do atrativo turístico junto aos visitantes. Já no sítio arqueológico de São João Batista, localizado no município de Entre-Ijuís e também administrado pelo IPHAN, o cemitério da comunidade que reutilizou o espaço das ruínas é mantido até hoje naquele local.

Podemos verificar as peculiaridades de cada um dos depoimentos, o que Candau justifica como sendo o trabalho da memória coletiva desde sua origem, pois se manifesta no ‘tecido das imagens’ que devemos a sociedade e que nos vai permitir dar uma ordem ao mundo²⁰. A prática dos benzimentos e suas expressões aparecem de diferentes formas para cada um de seus praticantes, produzindo expressões e narrativas distintas no decorrer da vida de cada um, o que Oliveira argumenta como sendo

(...) Os mais variados modos de produzir bênçãos implicam formas diferenciadas de saber-fazer esse ato, às vezes um ofício. Implicam diferentes maneiras de atualizar a memória desse ato e a visão do mundo que o sustenta e o produz. E de produzir, na singularidade de cada ato, as diferentes falas sociais. (1985, p. 15)

¹⁹ Miguelino: quem nasceu em São Miguel das Missões-RS.

²⁰ CANDAU, Jöel. Memória e Identidade. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 78.

O quadro abaixo foi produzido através dos relatos orais e registro, detalhando as doenças em que atuam cada benzedor bem como os objetos por eles utilizados durante o benzimento:

Tabela nº01: Benzedores entrevistados, doenças e objetos utilizados.

Benzedor	Doenças que benze*	Objetos utilizados
Alzira de Oliveira Leite	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dor de dente; ✓ Dor de cabeça; ✓ Ar; ✓ Picada de cobra; ✓ Meningite; ✓ Rendidura; ✓ Cobreiro; ✓ Estancar sangue; ✓ Pasma; ✓ Mau olhado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Rosário; ✓ Galho de arruda; ✓ Santos diversos; ✓ Água; ✓ Copo; ✓ Tesoura; ✓ Agulha;
Aureliano José Jardim	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quebrante; ✓ Mau olhado; ✓ Cobreiro; ✓ Berruga; ✓ Dor de cabeça; ✓ Dor no corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Só rezas.
Araci Ribas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ar; ✓ Dor de dente; ✓ Quebrante. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 3 galhos de arruda e água;
Cipriano Dorneles	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pragas de lavoura; ✓ Tormenta; ✓ Berne, bicheira; ✓ Terreiros para prosperar. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sal; ✓ Erva; ✓ Fogo; ✓ Machado; ✓ Bacia; ✓ Peneira.
Laídes Dutra	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quebrante; ✓ Mau olhado; ✓ Rendidura; ✓ Picada de cobra; ✓ Picada de aranha; ✓ Cobreiro; ✓ Lepra. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Água; ✓ Brasa; ✓ Copo; ✓ Galho de arruda.
Manoel Antunes de	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ar; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Folhas.

Jesus	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Picada de insetos; ✓ Cobreiro. 	
Mara de Fátima Galvão	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Cobreiro. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Galhos de arruda.
Marlene Machado Cassiano	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Rendidura; ✓ Ar; ✓ Cobreiro; ✓ Picada de cobra e aranha; ✓ Ezipele; ✓ Verruga; ✓ Meningite. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Folhas. ✓ Linha; ✓ Brasa; ✓ Copo, ✓ Água; ✓ Faca; ✓ Atadura; ✓ Folhas verdes;
Nelcinda Galvão	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Nascer dentes criança; ✓ Quebrante; ✓ Vermes. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reza; ✓ Galhos verdes; ✓ Brasa; ✓ Água; ✓ Copo.
Noema Dutra de Oliveira	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dor de cabeça; ✓ Afogamento; ✓ Picada de cobra; ✓ Mau olhado; ✓ Vermes; ✓ Rendiduras. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pedras; ✓ Ramos verdes; ✓ Santo Expedito e São Sebastião.
Romilda Moraes	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ar; ✓ Doença de pele; ✓ Quebrante; ✓ Terreiros para prosperar. 	
Valter Braga	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Animais; ✓ Purificação. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Fogo; ✓ Brasa; ✓ Erva-mate.

Fonte: Entrevistas, 2013. *foram mantidas as nomenclaturas narradas pelos entrevistados.

De forma sintetizada, o quadro nos dá um parâmetro das atividades de cada benzedor entrevistado e os objetos utilizados pelos mesmos durante os benzimentos. Podemos perceber que a grande maioria são doenças simples e os objetos utilizados de âmbito doméstico. Isso

caracteriza muito a constituição da identidade do benzedor, baseado nas trocas e dinâmicas do grupo na atualidade através das memórias e da prática repassadas de geração em geração.

Sabe-se que a memória não é resgatável porque existe no presente, sendo traduzida e retraduzida cada vez que evocada. Não há como separar memória de identidade. Izquierdo lembra ainda que a memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou o que sou porque me lembro quem sou). (Ivan IZQUIERDO, 1989, p. 89) Neste aspecto Candau afirma ainda que

A memória ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (2012, p. 16)

Já para Halbwachs, a memória só reteria do passado o que fosse vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém na atualidade. Sobre isso Barash afirma ainda que,

(...) Halbwachs tentou demonstrar que a memória coletiva, longe de ser composta por um conjunto de memórias individuais, encontra-se, sobretudo, no fundamento da memória e da consciência pessoal. Esta análise, como salienta Ricoeur, torna a reduzir a consciência pessoal a uma fonte coletiva, aos quadros sociais sobre os quais ela se ergueria: nosso meio social agiria sobre nós, quer estejamos ou não conscientes de sua influência e, nesse sentido, nossos pensamentos e lembranças mais íntimas recebem uma rede de significados oriundos da coletividade externa a nós. (2012, p. 66-67)

A identidade é consequência também do relacionamento com o outro, sendo transformada a medida em que vai se atualizando²¹, onde os sentidos antigos podem ser negociados e novos sentidos podem ser incorporados, fazendo assim do passado algo passível de se viver e conviver. Sobre isso Michel ressalta que

Entre as políticas simbólicas, aquelas que trazem a cena o passado coletivo gozam de um status privilegiado em razão de um fenômeno antropológico massivo: não existe identidade (individual ou coletiva) sem o suporte da história e da memória (individual ou coletiva). (2010, p. 14)

Bergson ressalta ainda que

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples "signos" destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (1999, p. 30)

²¹ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 158.

A prática de benzer exercida pelos entrevistados reflete suas trajetórias de vida, a influência da família, a religião e as visões de mundo numa perspectiva de pacto e compartilhamento destas concepções, vividas e resignificadas ao longo das gerações - seja em sua transmissão ou pela necessidade de aceitação na atualidade. Maroneze lembra ainda que

A identidade está entrelaçada com alteridade e pertencimento. Um somente existe no olhar do outro. O sujeito se identifica enquanto se relaciona com o outro, do mesmo modo que se identifica enquanto pertence a um grupo. (...) A construção do conhecimento de si está sempre ligada à necessidade de ser reconhecido pelos outros. (2010, p. 103)

A identidade se constituiria na diferença com o outro, num processo de assimilações e escolhas feitas pelo grupo, os quais muitas vezes, podem ser diferentes da trajetória e assimilações próprias do indivíduo, de onde surgem negociações para melhor se administrar tais conflitos e diferenças.

Em nenhum momento das narrativas, os entrevistados expuseram explicitamente aspectos negativos de sua prática, seja de forma individual ou coletiva, pois exaltam apenas a importância desta missão que carregam em suas vidas a fim de ajudar e curar aqueles que os procuram, onde se detêm a narrar apenas os fatos sobrenaturais e de cura que já tiveram – o que acarreta uma difusão na comunidade onde estão inseridos – ajudando na manutenção do seu ofício. Também não criticam outros benzedores, pois intuitivamente sabem que seu ofício depende da manutenção de um grupo como todo e que sozinhos são mais vulneráveis e propícios ao esquecimento. Os entrevistados pertencem ao grupo dos benzedores que os precederam, pois continuam afetivamente ligados a prática destes no presente através de suas ações (orações, rezas, objetos) na atualidade.

Desta forma, podemos indicar que o ofício de benzer é constituído em uma identidade para seus praticantes, onde a narrativa e a legitimação social são fundamentais para a manutenção de suas práticas. Essa aceitação é reforçada tanto pelos casos de cura contados e recontados permanentemente, tanto pela construção de espaços próprios para o benzimento onde as simbologias e técnicas resignificadas na atualidade são postas em prática perante a comunidade. Ser benzedor é uma escolha, identidade construída permanentemente através de negociações que almejam sua sobrevivência enquanto grupo e através de sua transmissão – item que merece atenção especial – e a qual analisaremos a seguir.

REFERÊNCIAS

- BAIOTO, Rafael; QUEVEDO, Júlio. **São Miguel das Missões**. Coleção Sete Povos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHALHOUB, Sidney et al (org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CONFORTIN, Helena. **Benzeduras, superstições, simpatias... Mitos ou realidade?** Erechim: EdiFAPES, 2005.
- FERREIRA, Maria Leticia M. Políticas da Memória, Políticas do Esquecimento, **Revista Aurora**, 10, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.
- HARTMANN, Luciana. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n 24, p.125-153, jul.\ dez. 2005.
- JOVCHELOOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. **Entrevista Narrativa**. In BAUER, Martin W., GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARONEZE, Jorge Humberto Machado. **Multiculturalismo em foco**. Organização: Angelita Maria Maders, Rosângela Angelin. Santo Ângelo: FURI, 2010.
- MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Geraldo de. **Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a11.pdf>.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Vol. 05, nº10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. Projeto História. São Paulo, 15, 1995.
- _____ **Histórias (Co) Movedoras: História Oral e estudos de Migração**. Revista Brasileira de História, vol. 22, nº44: São Paulo, 2002.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estudos Avançados. Vol.3. nº6. São Paulo May/Aug. 1989.
- SILVA, Willians Fausto. **Patrimônio a Contragosto: A presença de bens culturais na vida cotidiana de São Miguel das Missões**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

Entrevistados:

Alzira de Oliveira Leite, São Miguel das Missões, 2013.

Aureliano José Jardim, São Miguel das Missões, 2013.

Laídes Dutra, São Miguel das Missões, 2013.

Noema Dutra de Oliveira, São Miguel das Missões, 2013.

Valter Braga, São Miguel das Missões, 2013.

Benzedores catalogados:

Alzira de Oliveira Leite

Aureliano José Jardim

Araci Ribas Bedatti

Cipriano Dorneles

Laídes Dutra

Mara de Fátima Galvão

Manoel Antunes de Jesus

Marlene Machado Cassiano

Nelcinda Galvão

Nerci Garcia dos Santos

Noema Dutra de Oliveira

Romilda Moraes

Teresa Lemos de Andrade

Valter Braga